

**Nome do projeto:** *Pelo Direito de Torcer*

**Nome das entrevistadas:** Nathalia Duarte.

**Torcida:** Galo Queer

**Clube:** Atlético Mineiro

**Local da entrevista:** (skype) São Paulo – SP e Belo Horizonte -MG

**Data da entrevista:** 15/02/2017

**Entrevistadores:** Aira Bonfim; Maurício Rodrigues Pinto

**Transcrição:** Maurício Rodrigues Pinto

**Data da transcrição:** 04/03/2017

M.R – Boa tarde, Nathalia! Agora formalmente, a Aira e eu estamos fazendo essa entrevista, é a terceira entrevista do *Projeto Pelo Direito de Torcer*. Hoje é dia 15 de fevereiro de 2017, tem mais alguma coisa que falta no roteiro da apresentação... (risos)

A.B – É a primeira entrevista com dois locais de gravação, São Paulo, Museu do Futebol, e Belo Horizonte, Minas Gerais, correto?

N.D – Correto.

M.R – Então, pra gente iniciar eu queria que você, por favor, se apresentasse, dizendo o seu nome, data e local de nascimento.

N.D – Nathalia de Ávila Duarte, nasci no dia 19 de março de 1990, em Belo Horizonte.

M.R – E Nathalia, me fala qual é o seu vínculo com a Galo Queer<sup>1</sup>?

N.D – Eu sou criadora da Galo Queer. É um grupo mais ou menos fluido, mas eu fui a pessoa que tive a ideia, na verdade eu criei sozinha a página e depois outras pessoas se juntaram e aí a gente fez um grupo mesmo. Mas eu sou a criadora, não tem nenhuma hierarquia dentro do grupo. É isso.

---

<sup>1</sup> Galo Queer, fundada em 09/04/2013, foi a primeira comunidade do Facebook a apresentar-se como uma torcida de futebol anti-homofobia.

M.R – A gente vai falar um pouco desse contexto da criação mais pra frente, eu queria que você falasse qual a sua ocupação e o que você faz no dia a dia?

N.D – De formação, eu sou cientista social, tenho mestrado em Antropologia, só que hoje em dia eu trabalho em outra área, bem diferente, atualmente eu sou terapeuta holística.

M.R – Legal! Nathalia, você pode dizer qual a sua primeira lembrança relacionada ao futebol e, mesmo, ao Atlético<sup>2</sup>?

N.D – Quando fala de futebol e de Atlético, a lembrança mais antiga que me vem a cabeça é do meu tio, que é meu padrinho também, que é atleticano fanático e que me deu uma blusa do Galo, bem novinha, e lembro muito de ver futebol na casa do meu avô, era uma coisa bem de família mesmo. Apesar dos meus pais não terem tanto interesse por futebol, eles são atleticanos, mas não assistem tanto. Então, veio mais do meu tio, o meu avô era americano, mas simpatizava muito com o Atlético, porque os filhos eram atleticanos. Acho que é daí.

A.B – E como você lembra dessa relação na infância, na escola você gostava de jogar, praticar futebol, tinha alguma relação de frequentar os espaços ou era restrito a TV?

N.D – Era mais restrito a TV mesmo, porque eu nunca gostei muito de Educação Física, na verdade (risos), então, eu fugia muito, mas... Mentira, agora pensando bem, bem novinha, não sei falar nem que idade, uns 7 anos, eu lembro de participar de Olimpíadas no meu colégio, e fui surpreendentemente boa na posição de goleira, acho que foi o único momento de glória que eu tive no futebol (risos). E depois eu me desinteressei muito pela prática do esporte, tive momentos que eu gostei, momentos em que não gostava tanto... Eu cheguei a participar, mais velha... Dois campeonatos de futebol eu já participei jogando. Um que foi a Copa Coca Cola, que acontecia aqui, nem sei se ainda existe essa copa, mas isso já foi, talvez, no final do ensino fundamental, início do ensino médio, ali com uns 14 anos, eu era reserva do time, mas cheguei a jogar. E depois na faculdade, na Ciências Sociais, o pessoal organizava, organiza ainda a Copa CACS<sup>3</sup>, da

---

<sup>2</sup> Clube Atlético Mineiro (CAM) é um clube brasileiro de futebol sediado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais e fundado em 25 de março de 1908.

<sup>3</sup>Copa do Centro Acadêmico de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH/UFMG).

Ciências Sociais, joguei também nesses contextos, mas não sou uma boa jogadora e tem muito tempo que eu não jogo.

A.B – Pensando nessa sua família, seus pais não necessariamente gostam, não participam muito do futebol, são esses outros familiares, como o avô e o tio. Tinha outras crianças envolvidas ou era uma coisa muito particular sua. Como eram esses encontros?

N.D – Então, eu era a caçula das netas... Dos netos, na verdade, porque só tinha homens e eu era a única mulher. Inclusive, lembro de jogar futebol com os meus primos, bem novinha também, lá na casa do meu avô, que tinha um espaço, então, tinha essa coisa do futebol permeava muito a relação da família e da infância mesmo. Até interessante, porque eu não lembrava dessas coisas... Mas tinha muita coisa de se reunir pra assistir também, além de jogar com os primos, lá na casa do meu avô era um ponto aonde a gente assistia. Não sei se eu respondi, era isso?

A.B – Sim, entender... Só de você dizer que era a única menina entre os outros primos, pra mim, já é muito legal pensar você ali no meio e a mais novinha também.

N.D – Isso é interessante porque eu não sentia tanto nesse espaço uma diferença. Claro, em outros espaços sim, mas ninguém estranhava o fato de eu gostar de futebol ali, o meu tio, ele nunca fez isso, mas ele sempre prometeu que ele ia me levar ao estádio... (risos) Ele não chegou a fazer, eu só fui frequentar estádio bem mais velha, lá com uns 20 anos, foi a primeira vez que eu fui a um estádio. Porque tinha aquela coisa de que é um lugar perigoso pra mulher e, principalmente, pra criança, era uma coisa que não era um acesso tão simples, tão fácil como era pros homens, pros meninos. Claro que nisso eu via diferenças, mas na família eu acho que eu tive muita sorte nesse sentido, porque não fui recriminada, nem discriminada por causa disso.

A. B – Eles frequentavam estádio, seus tios e primos?

N.D – Sim.

M.R – Nathalia, você falou que nessa fase ainda da infância, você não sentia no contexto familiar preconceito ou ser diferenciada pelo fato de ser menina, mas em

outros espaços você começou a perceber isso. Que espaços foram esses e de que forma você foi percebendo essas diferenciações?

N.D – Eu acho que foi principalmente na escola, né, isso fica bem claro desde o início. Claro que tinha meninas que jogavam muito bem e que tinham um certo status, mas era exatamente isso. Pra você ser uma menina que jogava futebol com os meninos no intervalo, você tinha que jogar excepcionalmente bem, enquanto que por ser menino, você podia só jogar. Isso já era um pouco claro, não sei se tão consciente, mas já ficou bem claro. E eu lembro que eu cheguei, uma época em que eu quis fazer aula de futebol e meu pai, na época, não deixou. Na verdade, ele não quis que eu largasse o piano pra fazer futebol. Eu queria largar as aulas de piano pra fazer futebol e ele: “Eu não vou pagar futebol pra você. Você pode até fazer, mas eu não vou pagar!” Ou seja, não fiz, né, foi uma época passageira.

M.R – E as meninas, mesmo com essa medição da qualidade delas, as meninas jogavam junto com os meninos ou jogavam entre as próprias meninas?

N.D – No colégio que eu estudei primeiro, eu acho que era mais separado, tinha a coisa do jogo dos meninos e das meninas. Só que depois, mais ou menos na quinta série, eu fui pra uma escola bem pequena, então, claro que a maioria das crianças que jogava eram homens, mas não tinha duas quadras, era uma quadra só, então, pelo menos no recreio, tinha que ir junto todo mundo que estava interessado. Mas era raro ter meninas jogando no recreio, acho. Agora eu tô lembrando aqui, nessa escola o time feminino se dava muito melhor nas competições, tipo na Copa CACS, do que o masculino. O masculino era péssimo, eles tomavam de 20 a 0. Era humilhante, terrível! E as meninas, não, elas eram muito boas, então, nessa escola especificamente era um mundo particular, porque as meninas fora de lá tinham mais sucesso no futebol. Mas lá dentro, com certeza, eram mais os meninos que jogavam.

A.B – Que escolas eram essas?

N.D – Essa escola chamava Albert Einstein, ela nem existe mais, era uma escola alternativa, tinha umas propostas pedagógicas diferentes. Antes disso, eu estudei em um colégio grande, que chamava Padre Machado e que ainda existe, um colégio católico mais tradicional.

M.R – E você tem lembrança de alguma experiência inusitada ou mesmo emocionante que tenha relação com o futebol ou com a torcida no período da adolescência?

N.D – Bom, na adolescência acho que não, mas o momento mais emocionante da minha vida foi na Libertadores [da América] que o Galo ganhou (risos). Mais especificamente no pênalti que o Victor defendeu. Sinceramente, acho que deve ter sido o momento de mais emoção na minha vida, de um pico de emoção! Agora, na adolescência... Na adolescência, na verdade, eu passei por um momento revoltado, que eu não gostava de futebol. Eu tive muitas fases com o futebol, já tive todos os tipos de relações que vocês imaginarem. Eu gostava muito de futebol até uns 12, 13 anos... Ah tá, lembrei o que aconteceu. Eu fiquei um pouco traumatizada com uma final que o Galo perdeu pro Corinthians. Foi no Brasileirão em 1999, se não me engano?

M.R – Foi em 99. Eu lembro...

N.D – Desde então, eu comecei a gostar um pouco menos de futebol, fui me afastando. Quando veio a adolescência, eu fiquei muito revoltada mesmo, achava o futebol o ópio do povo e aí não jogava, não assistia. Teve uma Copa do Mundo, que foi em 2006, que eu não assisti nenhum jogo. Eu estava nesse ponto de distância. E aí eu fui voltar só com uns 19 anos, acho que eu estava mais bem resolvida com as minhas questões e aí voltei a gostar muito, acompanhar muito. Agora, na verdade, eu tô afastada de novo, mas daqui a pouco eu volto também, porque eu já me acostumei que é assim.

A.B – Você comentou da Copa do Mundo e a relação com a Seleção Brasileira? Você tinha alguma aproximação, é mais em campeonato? Gosta de assistir, não, é mais clube...

N.D – Não, eu gosto. Gostava muito... Atualmente, eu não vou dizer que eu gosto muito, porque a relação mudou muito depois que a Copa foi aqui e eu participei dos protestos, não estava muito ligada. Mas antes eu era muito, gostava muito de ver jogo da Seleção e, principalmente, Copa, achava Copa, assim, a coisa melhor do mundo. E o time de futebol feminino também, gostava muito de assistir, claro depois que começaram a exibir mais, porque quando era criança isso nem acontecia, mas de uns tempos pra cá ficou mais comum e eu gostava de assistir o feminino também.

M.R – Natália, você falou do momento da defesa do Victor, do pênalti na Libertadores, onde você tava nesse momento? Lembra um pouco como foi essa emoção...

N.D – Essa história é ótima! Acho que todo mundo tem uma história ótima sobre o pênalti do Victor... Eu estava num bar aqui que chama “Maleta”, um lugar da boemia no Centro da cidade, e num grupo grande numa mesa, a gente estava assistindo e aí foi o pênalti, todo mundo ficou revoltadíssimo, alguns amigos levantaram, saíram, falaram: “Não vou nem ver...”. Todo mundo tenso e tinha uma cruzeirense na mesa e ela falou assim “Ele vai defender”. Eu olhei pra ela assim, achei estranho, tava naquela apreensão, quando ele defendeu, nossa, foi uma loucura! Teve uma pessoa que quebrou o vidro do balcão do bar de tanta emoção... Foi incrível, eu nem sei como descrever, todo mundo pulando, se abraçando, gritando e aí eu lembro de ter achado muito estranho essa menina e depois eu virei pra ela “Você é uma bruxa...” (risos) Porque ela falou com muita certeza que ele ia defender.

A.B – Foi o pênalti do pézinho, né?

N.D – Isso.

A.B – Foi maravilhoso!

N.D – Maravilhoso... Mesmo quem não é atleticano estava muito envolvido naquela Libertadores.

M.R – Aquela campanha foi incrível!

A.B – Eu torci muito, muito pelo Atlético. Tava aqui “Galo!” (risos)

M.R – Eu sou corinthiano, então, lembro bem da final de 1999 (risos)

N.D – Eu percebi pela sua cara (risos) E você, Aira?

A.B – Eu sou corinthiana, mas eu já namorei atleticano, então, a gente tem um pedacinho mineiro, sabe.

M.R – Nathalia, você falou um pouco da participação nas manifestações anti-Copa. Acho que foi 2013, teve também na Copa da Confederações, e mesmo durante a Copa.

Eu queria que você comentasse como foi a sua participação nesse momento, nas manifestações.

N.D – Então, foi numa época em que eu estava numa fase de ativismo político muito forte. Em 2013, foi quando eu criei a Galo Queer, né, eu voltei, fiz intercambio na Alemanha, voltei no início do ano muito engajada, participava de coletivos feministas e entrei num coletivo de mobilidade urbana, o Tarifa Zero, estava muito em contato com todos os movimentos políticos da cidade, então, nessa época tava todo mundo imerso, 2013 foi muito intenso. Por algumas semanas a vida era só aquilo, mas tinha uma variedade de pautas ainda ali, nas manifestações. Uma variedade grande, a gente não sabia direito o que era aquilo. Em 2014, foi uma coisa bem direcionada, bem focada mesmo na Copa, e as manifestações eram muito menores, mas ainda muito reprimidas e aí foi um momento que, eu acho, ao mesmo tempo esse momento dos protestos e também as experiências que tive com a Galo Queer foram o que acabaram me afastando do futebol, no fim das contas, porque eu não consegui a Copa, porque não dava. Tanto por causa de tempo como por questões ideológicas mesmo e aí eu tive todas as experiências difíceis de preconceito e ameaça com a Galo Queer. Acho que essas duas coisas acabaram me afastando e hoje eu estou bem afastada.

M.R – A gente vai fazer já o gancho pra falar sobre a página, mas você falou desse período de intercambio na Alemanha. Você teve alguma vivência com o futebol lá de alguma forma? Se você puder falar um pouco dessa experiência, como foi até mesmo nesse aspecto da formação política e ideológica?

N.D – No futebol, eu ficava lá assistindo os jogos do Galo, tentando pegar, achar um link que eu conseguisse pegar uma transmissão mais ou menos. Mas eu não cheguei a ir a nenhum estádio lá, ver nenhum jogo ao vivo. Mas enquanto eu tava lá teve a Eurocopa e foi super legal, foi uma experiência super legal, porque lá eles têm uma relação super forte com o futebol também. É diferente, tem essa coisa mais técnica, mais alemã, mas é uma comoção geral. Então, o futebol é uma coisa presente, bem presente nesse ano que eu passei lá. Inclusive o jogo de bar lá não é a sinuca, é o totó, em qualquer bar tem um totó. É até engraçado, porque totó é coisa de criança, mas lá todos os bares têm e todo mundo é muito bom no totó. Eu jogava muito totó lá também... Totó é aqui, vocês chama de...

M.R – Pebolim.

N.D – Muito estranho... (risos) E aí teve essa parte do futebol lúdica. Agora politicamente também, foi um momento intenso, porque eu entrei em contato com o feminismo de forma mais forte lá. Eu já me considerava feminista, já tinha interesse por essa área da Antropologia do Gênero, mas enquanto eu estava aqui eu nunca tinha estudado, até porque quando eu estava na UFMG<sup>4</sup>, nessa época, não tinha professoras, professores na área de gênero, então, foi lá que comecei a estudar e conheci pessoas que eram muito ativas politicamente também. Isso formou muito a minha visão, na época eu estava com os óculos do gênero total, só via isso, só conversava sobre isso, então, quando eu voltei e fui no estádio – eu já tinha ido em estádio antes de viajar sem tanta visão crítica – foi muito violento pra mim, eu estando com esse olhar.

M.R – Você falou que não tinha sido a primeira vez em estádios, você lembra da sua primeira vez em um estádio?

N.D – Foi num estádio... Não foi nem no Mineirão<sup>5</sup>, nem no Independência<sup>6</sup>, que são os maiores estádios daqui. Foi na época que o Mineirão estava em reforma e aí foi num estadiozinho, a Arena do Jacaré, que é na região metropolitana. Era um jogo que quase conseguia falar com os jogadores. Foi interessante... Mas o Galo perdeu esse dia, foi um jogo entre o Atlético e o América. Mas eu achei super legal, gostei muito da experiência e quando eu voltei, os jogos do Galo já estavam sendo no Independência, e eu moro perto do Independência, então, eu ia pé pros jogos. Só que aí ficou muito caro também, isso foi um fator que me afastou também, porque não dá pra desembolsar R\$100, R\$80 num jogo. Isso foi ruim, mas eu não peguei as experiências no estádio pré-Copa, na verdade. Peguei assim, esse jogo que eu fui, foi antes da Copa, mas não no Mineirão. E antes no Mineirão tinha a geral, que pagava R\$2 e ficava todo mundo junto e amontoado. Eu tinha vários amigos que iam, mas na época eu estava ainda um pouco desconectada e não fui.

---

<sup>4</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) é uma instituição de ensino superior pública federal brasileira, sediada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

<sup>5</sup> Estádio Governador Magalhães Pinto, mais conhecido como Mineirão, é um estádio de futebol localizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

<sup>6</sup> Estádio Raimundo Sampaio, mais conhecido como Estádio Independência, é um estádio de futebol localizado no bairro do Horto, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.



A.B – E nessas experiências de estádio com quem vc ia?

N.D – A primeira vez foi com amigos... Na verdade, tem um amigo meu que é muito, muito atleticano e ele esteve presente em várias das vezes que eu estive em estádio... Em geral, com amigos ou com algum namorado também, mas nunca fui, por exemplo, só com mulheres. É uma experiência que, ao mesmo tempo que eu tenho vontade de ir, eu não acho que é uma boa na verdade, eu ainda não acho que é um ambiente propício, infelizmente...

A.B – E esses amigos sentavam em que setor do estádio? Eram sócios-torcedores ou faziam parte de alguma torcida...

N.D – Esse amigo que é o denominador comum, ele é sócio-torcedor... Mas não faziam parte de torcida, não.

M.R – Nathalia, eu me lembro que a gente conversou algumas vezes, até trocou e-mails, e você fala desse momento do seu retorno ao Brasil e a sua ida ao estádio e perceber como uma experiência opressora e, mesmo, violenta esse universo. Você consegue o que você começou a perceber como violento nessa ida ao estádio, depois desse retorno?

N.D – Tem dois momentos que ficaram mais gravados, mais pontuais, que foram... Um deles, em um jogo contra o Arsenal (ARG), era um jogo da Libertadores, e aí o estádio inteiro começou a gritar acho que “Maricón!” pro outro time e o que... Claro que eu sabia que essas coisas aconteciam, não é que foi um choque, mas me chocou um pouco a violência das pessoas ao dizerem isso, como se fosse uma coisa realmente muito ofensiva e me chocou o fato dos meus amigos terem participado, acho que isso foi o que me chocou mais, porque eu era a única pessoa sentada, eu fiz questão de sentar pra não participar daquilo, e eu olhava em volta e não tinha ninguém que estava achando aquilo minimamente estranho. E aí, foi depois dali que: “Não, eu tenho que fazer alguma coisa!”. Nesse dia, eu acho que foi nesse mesmo dia, não sei se foi em outro jogo, mas teve uma experiência também que eu achei marcante que foi quando estavam sentados eu, esse amigo, outro amigo do lado, e do meu lado tinha um cara que eu não conhecia. E aí, esse cara foi fazer um comentário sobre o jogo, ele simplesmente me pulou e fez o comentário com o meu amigo, que estava do meu lado. Acho que foi a vez em que eu

me senti mais invisível, talvez, mais explicitamente. São esses dois momentos que me vêm a cabeça.

M.R – E você, depois do jogo ou em outra oportunidade, conversou com esses seus amigos que te acompanharam no jogo sobre essa experiência? Como é que foi essa conversa?

N.D – Conversei. Na época, isso ainda era uma coisa que... Já era um pouco diferente, porque já houve momentos de eu fazer esse tipo de crítica, de apontamento quando era mais nova, mesmo com os meus amigos da esquerda, alternativos e tals, e as pessoas acharem um absurdo eu estar falando daquilo... Isso já aconteceu muitas e muitas vezes. Nesse momento, era um momento de transição, onde as pessoas não achavam mais absurdo eu fazer aquele tipo de apontamento, mas ao mesmo tempo era aquela coisa de “Ah, mas futebol é assim mesmo... É a cultura e tal...” Tinha essa coisa, até admitiam: “Não, não é legal, mas fazer o quê? É aquela coisa ali no meio do caminho. Futuramente, um desses amigos chegou a integrar a Galo Queer, então esse grupo de amigos especificamente, eu vi uma mudança muito muito drástica no comportamento.

M.R – E fala como é que foi o processo, então. Você falou dessas experiências, mas como foi o processo de criação da página, da Galo Queer, o que te inspirou a dar esse nome pra página?

N.D – Bom, eu lembro assim, depois do estádio, teve um dia que a gente tava no bar, com os amigos, no mesmo bar do pênalti do Victor, inclusive, e aí eu falei disso: “Ah, eu fiquei com vontade de criar esse movimento...” E as pessoas da mesa ficaram escutando “Ah, legal...” Mas ninguém botou muita fé e nem se dispôs a fazer junto, e aí eu falei: “Bom, vou fazer sozinha, então”. Hoje em dia é relativamente fácil, porque o Facebook, você simplesmente cria uma página, a coisa existe. E aí eu fiz a página e o nome, eu acho que a inspiração foi... Especificamente, o *queer* veio por causa de uma amiga minha, uma colega da Antropologia que estava na época fazendo uma pesquisa sobre tango *queer* em Buenos Aires, sobre essas casas de tango que tinha danças com pessoas do mesmo gênero e eu achei muito legal o conceito e, assim, eu já tava estudando gênero, depois que eu voltei da Alemanha, eu mudei meu tema, comecei a estudar feminismo, gênero dentro da Antropologia, então o termo *queer* é bem

importante... Bom, vou explicar um pouquinho o que ele é. A palavra surgiu como um xingamento, né, significa estranho, e aí foi ressignificada nos Estados Unidos, pelos homossexuais lá e, depois, surgiu a Teoria *Queer*, que é uma teoria faz essa desconstrução das identidades, faz os questionamentos de gênero. E eu achei legal a ideia do *queer*, porque eu achei que ela era abrangente, muito abrangente. Porque eu não queria... A minha ideia inicial não era fazer uma torcida gay, por exemplo, ou só um movimento contra a homofobia, mas eu queria abordar a questão das mulheres também, mesmo hetero. Então, eu achei que *queer* era um nome abrangente, sim, além de sonoro e, enfim, foi daí que surgiu.

M.R – Enfim, você criou a página. Dias depois teve toda uma repercussão, outras páginas de outros times...

N.D – Dias, não. Foram as 24 horas mais loucas da minha vida, eu acho. Eu inocentemente criei a página e divulguei no meu perfil, pros meus amigos. Falei assim: “Ah, umas 100 pessoas vão curtir, vão achar legal e é isso mesmo”. E de repente, criei a página, fui dormir, quando acordei era ligação de todos os jornais querendo falar comigo, já tinha 1000 pessoas curtindo, e 1000 pessoas me escrevendo, querendo falar, querendo participar... Foi uma loucura! E ao mesmo tempo, as outras torcidas foram surgindo, acho que 48 horas depois já havia umas cinco torcidas de outros times e foi só aumentando. Foi uma reação muito desproporcional, muito maior do que eu imaginava, jamais pensei...

A.B – O que tinha na cara dessa página? Você tinha usado o logo do Galo, você tinha subvertido o logo já nessa época, tinha um textinho, tinha foto... O que tinha?

N.D – Eu muito inocentemente pensei: “Ah, preciso de uma imagem do Galo” (risos). Peguei o escudo do Galo e aí pensei: “Bem, vou colorir o escudo”. E isso deu uma polêmica, deu uma polêmica, que talvez tenha sido maior do que a própria criação do movimento. Porque tinha várias pessoas que falaram: “Sim, eu apoio o movimento, mas isso de subverter o escudo do Galo, isso aí é imperdoável, isso aí não pode...” Nossa, foi uma loucura. Acho que na página eu fiz uma descriçãozinha bem resumida, eu se duvidar é a mesma que tá lá até hoje, que é “Movimento antimachismo e antihomofobia no futebol... partindo da torcida do Atlético”, uma coisa assim. E fiz a foto e eu nem sei

se cheguei a fazer alguma postagem... Não lembro, mas se foi era uma coisa bem... pouca coisa. E essa polêmica foi tão grande que eu cheguei a escrever um texto, não sei se eu te mostrei esse texto, Maurício, que eu postei no meu blog, defendendo o escudo colorido...

M.R – Puxa, eu acho que você me mandou isso há bastante tempo. Se você ainda tiver... Se você ainda tiver isso fácil e puder reenviar, agradeço.

N.D – Eu te mando... Eu tinha já esse blog e aí eu falei: “Ah, vou escrever no blog”. Mas tinha uma coisa que era a questão da minha identidade, né. Porque já também nas primeiras 24 horas, além de toda repercussão positiva, veio uma chuva de xingamentos e ameaças de todos os tipos. Eu fui consciente o suficiente para fazer um perfil *fake* pra abrigar a página, mas a princípio eu não estava pensando em me esconder, não. Só que aí eu vi que a situação era um pouco crítica e eu sei que torcida organizada é capaz de muitas coisas, então, na época, eu não divulguei meu nome, acabei escrevendo o texto no blog e eu acho que foi por aí eu muitas pessoas descobriram o meu nome, enfim... E aí foi toda uma polêmica até que... Eu acho que se fosse hoje, eu não estaria nem aí. Mas na época, eu lembro que a coisa estava tão insana, que falei assim: “Então tá, vamos fazer uma enquete...” Na verdade, não foi nem eu, nesse momento outras pessoas já tinham me procurado, querendo fazer parte do grupo, e aí surgiu essa ideia de fazer uma enquete na página e se as pessoas não quiserem, a gente troca. Um dos meus amigos que estava no grupo, era designer, e depois que as pessoas realmente rejeitaram o escudo colorido, ele fez uma logo bonitinha, que é a logo que tá atualmente...

(Pausa)

M.R. – Demos uma pausa e você estava falando da questão do símbolo, da imagem de apresentação da comunidade. O primeiro símbolo, a primeira identidade visual era com o fundo com o arco íris, a bandeira do movimento LGBT<sup>7</sup>, e o escudo do Galo ou esse foi depois?

N.D – Não, esse foi depois. O primeiro foi realmente o escudo, as listras do escudo coloridas, aí depois, por causa da polêmica toda, eu nem lembro como foi todo o

---

<sup>7</sup> LGBT é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros em uso desde os anos 1990.

processo, aí acho que alguém fez essa nova, pra ficar de provisória, enquanto a gente não tinha uma logo oficial... Mas mesmo essa também já era polêmica. Claro, porque a questão que estava sendo discutida ali, a minha interpretação é que o escudo foi só a desculpa pra atacar o movimento.

M.R – E você falou dessas reações, destacou bastante a repercussão positiva, que teve o desdobramento de criação de outras páginas, que depois viraram coletivos. Como é que se deu essa repercussão negativa, como chegaram a você as reações contrárias, hostis à criação da página? Como que as pessoas se dirigiam, chegavam a você?

N.D – A maioria das ameaças e dos xingamentos eram mensagens pra página mesmo ou de posts na própria página – depois a gente desativou a possibilidade das pessoas publicarem lá por causa disso. Eu nem gosto de fazer esse tipo de coisa, mas era uma chuva de xingamentos. Na época, eu não cheguei a ver as mensagens eu cheguei no meu perfil pessoal, porque tinha aquela coisa da pasta “Outros” no Facebook, que não tinha aviso na época, e eu descobri que tinha essa pasta muito tempo depois... (risos) Por sorte, eu não vi as coisas eu cheguei pra mim mesmo, pessoalmente. Na época, cheguei a trocar meu nome no Facebook, minha foto, essas coisas, tirei as minhas fotos... Porque, enfim, eu tive um certo medo mesmo. Mas tinha amigos também, que vinham falar comigo, amigos que nessa linha do: “Ah, eu acho legal, mas pera aí, assim...”, principalmente em relação a essa coisa do escudo. Era um assédio constante, foram alguns dias de muito, muito assédio, de informação, de pessoas vindo falar comigo o tempo inteiro. Mas enfim, ficou por isso. Teve uma ameaça que parece eu foi mais séria, eu não cheguei a ver, na verdade. Um dos integrantes viu antes de mim, porque parecia eu falava o meu nome, sabia onde morava, coisas assim e aí ele encaminhou a polícia, ele tomou todas as providências e falou: “É melhor você nem ver...”, então eu nem vi, nem sei dizer o conteúdo delas. Mas, acreditem se quiser, eu, frequentava na época, ainda frequento, um terreiro de umbanda e aí a situação tava meio crítica, então, fui lá ver sobre isso, falei das ameaças que eu estava recebendo e aí o Exu lá fez um trabalho, e eu nunca mais recebi as mensagens, elas pararam... Eu acredito, né, cada um pode criar a sua versão...

A.B – Nathalia, qual era o perfil dessas pessoas? Eram na maioria homens, eram atleticanos ou de outros clubes, eram coletivos ou em grupos, ou eram perfis individuais?

N.D – Eram 99% homens e atleticanos. A gente recebia muito, até hoje, às vezes, ainda recebe mensagens falando que aquilo é coisa de cruzeirense, né, o termo que eles usam é “maria”. “Isso aí é coisa de “maria” pra sujar o nosso nome”. Então, tinha tanto as pessoas que levavam o movimento a sério, enquanto movimento e xingavam e não gostavam dele enquanto movimento, e tinha as pessoas eu nem acreditavam que era uma coisa real, e se acreditavam, queriam tirar a legitimação por essa via. Eu não lembro de ter visto mensagem desse tipo de mulher, não. Não tô lembrada. São muitas, eu não li todas, era assim uma chuva de mensagens, então, eu lia mais ou menos o que era, mas não ficava lendo, não ia perder o meu tempo também com isso.

M.R – E você falou que depois de você criar sozinha a página, outras pessoas foram se somando e também participando. Como é que foi essa entrada, como as pessoas foram entrando na página, manifestando interesse?

N.D – Teve algumas pessoas que eu procurei, que eu falei assim: “Ó, você não topa de participar?” E aí toparam. Outras pessoas realmente me procuraram mesmo, com pessoas que me conheciam, me pediram pra colocar em contato. Então, tinha no grupo umas três pessoas que eu não conhecia a princípio, que eu não conhecia antes de criar.

M.R – E como que vocês se organizaram depois que chegaram mais pessoas, a ter novas ideias, como é que vocês se organizaram para, enfim, pensar uma atuação pra página, pro coletivo, porque aí foi se tornando um coletivo...

N.D – A gente chegou a fazer alguns encontros presenciais, mas tinha pessoas que não moravam em Belo Horizonte, então a organização era muito virtual mesmo. A gente criou um grupo para discutir as questões e a gente... A atuação se limitou a via virtual, porque a gente viu que não tinha a menor condição de ir pro estádio, fazer qualquer coisa. Teve uma menina, inclusive, que da cabeça dela, foi num jogo, no estádio, com um cartaz, fez um cartaz escrito “Galo Queer: cartão vermelho para homofobia”, alguma coisa assim, e ela foi barrada no estádio, o segurança do estádio não deixou ela entrar, falou que aquele cartaz não era pertinente, não tinha tema de futebol. A gente até

ficou rindo muito disso: “Nossa, os seguranças estão fazendo análise semiótica dos cartazes” (risos) Essa menina mandou uma foto pra gente de fora do estádio, porque ela não conseguiu entrar com o cartaz. Mas a gente mesmo não achou que seria possível fazer qualquer coisa nesse sentido, então, a organização era muito virtual. A gente se organizava pra tentar manter a página mais movimentada possível nesse início. A ideia era realmente todo dia, no mínimo, ter uma postagem, que era quando a coisa estava explodindo. A cada novo dia que passava eram mais 1000 curtidas. Estacionou ali depois dos 10 mil... Mas aí a gente fazia esse esquema de rodízio, de cada dia um ficar responsável pela página, mas a gente discutia as postagens antes de postar. Então, tinha essa seleção prévia do que a gente ia colocar lá e a gente decidiu que postaria tanto conteúdo só sobre feminismo e LGBT, tanto as intersecções com o futebol, quanto só futebol. No início, a gente fazia análises dos jogos também, muito em função também pra marcar essa posição que a gente era atleticano, porque muita gente estava duvidando, então tinha essa tentativa de mostrar que era um movimento sério de atleticanos... E era mais ou menos isso e por muito tempo funcionou, mas depois foi... Passou a efervescência, as pessoas tinham outros projetos, já não estava tão fácil manter a página com conteúdo, o grupo inclusive mudou um pouco, algumas pessoas saíram, outras pessoas entraram, mas desde então a gente não conseguiu fazer uma organização de fato. Agora a gente tá num momento de reformulação mesmo, tem muito tempo que a gente não posta nada e foi uma... Uma consequência um pouco natural, mas uma decisão também porque chegou num momento em que só estavam eu e uma outra integrante alimentando a página. Ela fazendo o doutorado, eu terminando o mestrado, mil coisas. E eu participo de mil outras coisas, tenho mil projetos, então, não estava dando mesmo pra postar com tanta frequência. E aí a gente acabou meio que falando assim: “Então, se não tá tendo vontade coletiva de fazer a página, então, vamo meio que deixar do jeito que tá”. Só que mais recentemente, eu resolvi um pouco entregar o bastão mesmo, não tô tendo tempo, não tô nem acompanhando muito os jogos, então, eu chamei, convidei outras pessoas para assumir a administração da página, por coincidência, a gente vai se encontrar hoje, vai fazer uma reunião pra explicar tudo. São três mulheres, e aí eu espero que a página volte à ativa, porque eu acho a página muito importante, eu quero que ela continue, mas tenho outras prioridades, enfim...

A.B – Essas outras pessoas novas são de outros coletivos, tem já uma relação com o futebol para se interessar em administrar uma nova página?

N.D – Tem. São mulheres de uma torcida que a gente tem aqui, chamada Galo Marx<sup>8</sup>, que não é uma torcida só de mulheres, mas... Desse grupo, eu perguntei quem teria interesse, aí as três se manifestaram, eu não conheço elas na verdade, mas temos vários amigos em comum e aí a gente vai se conhecer e conversar hoje.

M.R – Teve um encontro agora no último final de semana, e a gente conheceu algumas pessoas da Galo Marx, que vieram como representantes. Uma delas foi o Luciano e a outra foi a Patrícia...

N.D – Patrícia Muniz?

M.R – Eu não sei o sobrenome, sei apenas o primeiro nome... Eu peguei o contato dela e ela falou que dentro da Galo Marx, ou como se fosse uma divisão, uma ala, enfim, uma intersecção da Galo Marx, elas criaram um coletivo feminista de torcedoras do Atlético. Mas ela não tinha me falado... Cheguei a perguntar se conhecia a Galo Queer, se tinha contato com vocês. Ela falou: “Ah, tenho contato, sim...” Mas ela não falou dessa aproximação que estava acontecendo com vocês.

N.D – Acho que talvez na época... Quando foi isso?

M.R – Foi agora no final de semana.

N.D – Então já tinha, a gente já estava conversando há algum tempo. Já temos uns dois meses tentando marcar esse encontro. Mas, cara, que legal, então, vocês já conheceram ela.

A.B – Sim

(Pausa)

---

<sup>8</sup> A Galo Marx é uma torcida socialista do Clube Atlético Mineiro de Belo Horizonte atuante desde 2011. Contrários a uma concepção moderna de futebol como espetáculo, esses torcedores eram entusiastas e militantes de uma participação mais efetiva e democrática no gerenciamento do esporte.



A.B – Eu queria ainda voltar um pouco no coletivo, pra entender de quantas pessoas a gente tá falando quando a Galo Queer tem o seu auge, de muitas pessoas? E qual o perfil dessas pessoas. São homens, mulheres, mais gays...

N.D – Acho que assim, no auge, de pessoas que estavam ativas mesmo eram umas sete. E tinha um pouco de tudo assim... Tinha homem *hetero*<sup>9</sup>, homem *bi*<sup>10</sup>, mulher *lésbica*<sup>11</sup>, mulher hetero... Em termos de idade era mais ou menos essa minha faixa assim, entre 25 e 30, mas tinha um que era bem mais velho, tinha uns 40 e poucos, que se interessou e entrou também.

A.B – E aí dessas postagens que vocês foram criando, qual o conteúdo e se vocês acabavam entrando nesse ativismo virtual, que é combater, escrever, responder, isso acontecia ou era uma coisa só joga lá e vê o que acontece?

N.D – Eu acho que no início a gente tinha um pouco mais de gás pra discutir algumas questões, mas acho que com o tempo foi mais uma questão de postar e deixar... Porque, na verdade, as próprias pessoas que acompanhavam a Galo Queer já faziam esse papel de discutir quando ia alguém lá falar alguma coisa e tem casos também que nem vale discutir, que a pessoa não quer conversar, não tá querendo ouvir, ela tá só xingando... E aí, eu acho que o melhor é ignorar nesses casos, não ficar dando corda. Mas tinha sim, tinha um viés de ativismo social bem forte, a seleção das coisas que a gente postava, eram escolhas bem políticas, em geral vinham com algum texto, a gente elaborava um texto em conjunto em algumas postagens que a gente considerava mais importante.

A gente chegou a fazer uma campanha também contra o racismo que o Aranha<sup>12</sup> sofreu, não sei se vocês chegaram a ver isso, que foi uma das maiores coisas que a gente fez

---

<sup>9</sup> *Heterossexual*, relativo ao tipo de afinidade, atração e/ou prática sexual entre indivíduos de sexo oposto.

<sup>10</sup> *Bissexual*, relativo ao tipo de afinidade, atração e/ou prática sexual entre indivíduos de ambos os sexos.

<sup>11</sup> *Lésbica*, termo relativo à homossexualidade feminina.

<sup>12</sup> Goleiro Mário Lúcio Duarte Costa, mais conhecido pelo apelido de Aranha. Nasceu em Pouso Alegre, Minas Gerais, Brasil, em 17 de novembro de 1980. Em 23 de novembro de 2005, Aranha foi abordado e agredido por policiais militares na cidade de Campinas, São Paulo (que o confundiram com um assaltante procurado). Mesmo tendo se identificado como atleta da Associação Atlética Ponte Preta, Aranha foi detido e conduzido a um distrito policial. Em 28 de agosto de 2014, em uma partida da Copa do Brasil de Futebol entre Santos e Grêmio em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o goleiro foi xingado de "macaco" por um grupo de torcedores da equipe gaúcha.

depois da criação da página, que teve muita repercussão. Então tinha esse lugar de ativismo virtual sim.

A.B – E não ficava restrito, então, a gênero.

N.D – Pois é... a gente achou que nesse caso era importante a gente se manifestar também. Apesar do nosso envolvimento ter esse recorte, é uma questão pelo direito de torcer mesmo, de todo mundo. Então, qualquer minoria que está sofrendo qualquer espécie de violência e de cerceamento, a gente se considerava um grupo aliado.

M.R – E você fala desse período, que é o período de maior movimentação, efervescência da página, você consegue situar que período é esse? A página é criada em abril de 2013, mas qual que é esse momento que você chama de maior engajamento, de maior participação?

N.D – Eu acho que 2013 inteiro. Depois disso, acho que foi diminuindo bem.

M.R – E das postagens, posicionamentos que vocês colocaram, quais que foram aqueles que alcançaram maior repercussão, causaram maior polêmica?

N.D – Teve um que causou bastante polêmica, essa foi até relativamente recente, ano passado, eu acho, do desfile dos uniformes novos do Atlético, aquela coisa das mulheres seminuas, isso foi uma questão que deu bastante bafafá... Essa campanha do Aranha foi legal, porque a gente lançou esse apelo, essa proposta para as pessoas gritarem o nome dele no jogo em apoio. E foi um tiro no escuro, assim, vamos tentar. E quando a gente viu que efetivamente aconteceu, foi muito emocionante, a gente se viu tendo um alcance para além do virtual, que a gente não podia ter efetivamente no estádio. Acho que esses seriam as maiores polêmicas, foi isso mesmo. O escudo, talvez essa questão do Aranha e essa questão dos uniformes.

M.R – Essa questão dos uniformes aconteceu no ano passado, que já é um momento que a própria página já tinha diminuído bem as suas atividades, diminuído o ritmo de postagens. Como é que foi retomar, pegando esse momento que, enfim, foi extremamente polêmico, uma bola fora enorme da diretoria do Atlético e da empresa em questão, da fornecedora de materiais?

N.D – Tem essa coisa, esse modo emergência quando surge alguma coisa assim: “Nossa, a Galo Queer tem que se pronunciar!” Aí a gente se organiza, resgata as pessoas pra discutir aqui, fazer alguma coisa, mas ultimamente essa tem sido a nossa linha, a gente só se manifesta quando realmente é uma coisa que precisa muito a gente se manifestar, por todas essas circunstâncias que eu falei. Mas... é isso.

A.B – Só pra entender, a página é criada em 2013, e ela vai ter um boom em 2014...

N.D – Pois é, teve uma coisa que eu esqueci de falar que foi quando a página sumiu, a nossa página foi deletada na verdade, a original. Então, é isso, a página original nem existe mais, por que isso aconteceu no início de 2016, em janeiro de 2016. Eu estava viajando inclusive...

A.B – O delete...

N.D – Isso, porque na verdade, o Facebook nunca nos deu uma explicação de fato pra isso. Simplesmente um dia eu fui entrar na página pra fazer uma postagem e a página não existia mais. E o Facebook, enfim, eles fazem isso de forma muito arbitrária, não tem nenhuma forma de você recuperar. A gente chegou a consultar um advogado na época, pra pensar em resgatar a página, só que a gente acabou achando que não valia a pena, que as chances da gente conseguir eram pequenas, um trabalho muito grande. Acho que isso foi um grande balde de água fria no movimento também.

Qual é a minha teoria? O Facebook tem uma política muito forte contra fakes. Eu acho que começaram a denunciar a página como fake, ou de alguma forma descobriram qual era o perfil que hospedava a página, e começaram a denunciar como fake. Porque as denúncias de que aquilo era um conteúdo impróprio não faziam sentido. No começo teve muita denúncia e a página não foi tirada do ar por causa disso. Mas acho que quando eles viram essa possibilidade do fake... Eu não sei, não sei se de fato foi uma investida contra a página, mas eu acredito que sim. Como é que uma página desaparece do nada? Eu acho que foi isso que aconteceu e na época a gente ficou muito em dúvida sobre como proceder, o que fazer, não conseguimos informação nenhuma e aí acabamos optando por criar uma nova página. Então a gente criou a página, mas essa página atual ela tem mais ou menos mil e poucas curtidas, na outra a gente tinha mais de 10 mil,

muito mais eu acho, nem lembro, então o alcance da página diminuiu muito, foi uma perda muito grande.

M.R – Não houve nenhum email informando o que aconteceu...

N.D – Nada. Absolutamente nada!

A.B – Só voltando, quando você fala dessas muitas pessoas ajudando o coletivo, de que época a gente tá falando exatamente, esse ápice?

N.D – Eu acho que 2013, 2014 ainda... E depois 2015 já diminuiu muito, e em 2016, depois que a página foi apagada...

A.B – Só o modo emergencial.

N.D – Exatamente, modo emergencial.

A.B – Você comentou que logo que abriu a página, outros coletivos apareceram. Outros coletivos quer que você quis dizer?

N.D – Isso. De outros times.

A.B – Quais deles, você sabe dizer quais eram esses coletivos e assim como as pessoas entraram em contato com vocês, para fazer todas as denúncias e xingamentos, esses coletivos também chegaram a conversar?

N.D – Os que eu lembro assim agora, foram Palmeiras Livre<sup>13</sup>, que era bem ativo também, tinha do Grêmio também, do Corinthians... Não lembro os nomes das páginas, mas a gente nunca conseguiu criar de fato uma rede, sabe. Mais no início tinha um contato maior, mas em termos de compartilhamento de informação, de conteúdo. Então, a gente compartilhava sempre conteúdo de outras páginas, outras páginas compartilhavam conteúdos nossos e a cada nova página que surgia, a gente divulgava na página também, todas as que ficamos sabendo a gente divulgou. Então, nesse início teve um contato maior, mas nunca chegou a se organizar enquanto rede, o que é uma pena, mas não aconteceu.

---

<sup>13</sup> Coletivo de torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras criado em 2013 com o intuito de lutar através da rede social Facebook por transformações nas práticas torcedoras, sobretudo as relacionadas a comportamentos opressores às mulheres, negros e lésbicas, gays, bi e transexuais, dentro e fora dos estádios.

A.B – Nem mesmo com as torcidas mais progressistas do próprio Atlético?

N.D – Bom, a gente viu que tinha muito pouco espaço em torcidas progressistas, porque até em torcidas que a gente imaginava que apoiariam, tipo a Galo Metal<sup>14</sup>, alguns grupos mais alternativos, não apoiaram. Realmente a Galo Marx foi a única torcida que esteve junto com a Galo Queer em todo o processo. Não estou me lembrando de outra que tenha apoiado. Acho que principalmente essa coisa do escudo foi o que mais afastou as outras torcidas, torcidas que já eram consolidadas, mesmo aquelas que eram um pouco mais progressistas.

A.B – O rival fez alguma proposição ou coletivo semelhante?

N.D – Sim, teve o Cruzeiro Maria, mas ela não vingou muito. Inclusive, eu conheço as pessoas que fizeram, mas não sei o porquê, não foi muito pra frente.

M.R – E desses coletivos, algum ou alguma pessoa ligada a esses coletivos, procurou vocês, do tipo “Ah, eu quero criar, como é que vocês criaram?” Teve algum tipo de procura?

N.D – Não, as pessoas criaram apenas.

M.R – Foi meio que espontâneo.

N.D – Foi, a gente só ia tendo as notícias, assim, mas ninguém chegou a entrar em contato, não. Pelo menos, não que eu tenha visto. Pode até ser que no meio da enxurrada de mensagens, alguém tivesse mandado alguma, mas não que eu tenha visto.

M.R – E você falou também que foi o momento das 24 horas, que foi uma visibilidade muito grande e teve também a repercussão de chegar numa mídia. Como é que foi essa visibilidade para fora das redes sociais, de repente ter de se pronunciar diante da mídia, como foi tudo isso?

N.D – Isso foi engraçado, porque todos os jornais queriam falar comigo, os programas de TV queriam gravar e eu não podia ir... (risos) Não podia me identificar. Eu dava entrevistas pra jornais escritos, portais de internet. Televisão, a gente teve vários convites, várias propostas. No início, a gente recusou todas. Teve uma exceção que a

---

<sup>14</sup> Torcida organizada “Metal” do Clube Atlético Mineiro fundada em 1995.

gente abriu... Nossa, eu sou tão ruim com informações, não lembro as coisas direito, mas eu acho que foi da Record, que pediu pra gravar algumas tomadas da gente, mas assim... Meio que de costas, vendo o jogo, que não iriam mostrar rostos... Aí a gente topou, teve um encontro, nesse encontro pra ver o jogo, tinha muita gente, várias pessoas que não eram propriamente do grupo, da Galo Queer, mas que eram simpatizantes e tal. Eles chegaram a entrevistar algumas pessoas... Eu lembro que depois a edição ficou muito ruim, a gente nem compartilhou na página, pra não dar visibilidade. Enfim, teve essa situação e, depois, o documentário, mas aí a gente confiava muito mais e também, depois que a poeira baixou, ficou mais tranquilo. Hoje em dia, eu não me preocupo mais muito. Já tem, nossa, quase quatro anos, então, acho que o pessoal já se acostumou com a existência da Galo Queer. Volta e meia ainda tem algum xingamento, mas hoje em dia já não tenho medo de acontecer alguma coisa, não. Mas teve esse entrave, acho que a Galo Queer poderia ter explodido muito mais, poderia ter tido muito mais visibilidade, essa discussão poderia ter ganhado... não sei se poderia ter ganhado mais visibilidade do que ganhou, porque na época ganhou. Todos os programas de esporte estavam falando disso, mesmo sem ter nenhuma entrevista, sem ter nenhuma imagem, foi um tema que explodiu. Mas por essa questão das ameaças, realmente a gente ficou com receio de aparecer e foi uma pena.

M.R – Mas você falou dessa reportagem que vocês toparam fazer pra Record, cuja abordagem não foi muito legal. Como eram esses canais que procuraram vocês, que produziram matérias, que falaram sobre o surgimento da comunidade? De que forma eles abordavam isso? Era uma abordagem que positivava a existência da página, ou vocês viam que tinha muito mais uma depreciação?

N.D – Eu acho que em geral, nem era depreciativo, não. Tinha uma coisa de tentar entender, e, em geral, dos jornalistas que eu conversei, eram pessoas legais que pareciam concordar muito com a proposta, mas eu via muito essa via do sensacionalismo, principalmente com relação a coisa das ameaças. Me perguntavam mais das ameaças do que sobre o movimento em si. Tinha essa coisa meio carniceira, sabe. E era um tipo de abordagem que eu não acho legal, de ficar disseminando um pânico, e desvia o foco, no meu ponto de vista.

Agora, outra questão que me incomodava muito também nas reportagens todas também, nas matérias, era o quanto a questão da mulher ficava invisibilizada. Eu sempre fazia questão de falar que é um movimento contra a homofobia e contra o machismo, só que o tema que dava caldo era o LGBT, não se falava muito da questão das mulheres, então, isso era uma coisa que me incomodava bastante também.

M.R – E de alguma forma, percebendo que a questão da homofobia, em termos de repercussão, se sobressaía à questão da misoginia, vocês tomaram algum tipo de postura para tentar dar mais visibilidade para o problema da misoginia. Essa pergunta e depois eu faço uma outra...

N.D – Eu fazia questão de ressaltar muito toda vez que eu era entrevistada. Mas assim, tem uma prática corrente, que não foi só nesse caso da Galo Queer, porque já participei de várias outras coisas, já dei outras entrevistas em outros movimentos que participei, e, em geral, muito pouco do que a gente fala é de fato inserido na matéria, é uma frase que, às vezes, você nem chegou a falar aquela frase exatamente daquele jeito... Então, isso era bem complicado, eu tentava ressaltar. E às vezes, as pessoas até colocavam assim, mas muito lateralmente... E tinha, acho, que um esforço de fazer muitos posts sobre isso, sobre essa questão da mulher no futebol também, pra sempre ressaltar isso. Inclusive, tudo que tinha a ver com o futebol feminino, todas as notícias que a gente via, a gente fazia questão de compartilhar, pra dar essa visibilidade.

M.R – A outra pergunta que eu ia fazer é por que que você acha que essa pauta do combate à homofobia ganhou uma projeção maior do que outras pautas que a Galo Queer se propôs a colocar?

N.D – Eu acho que, primeiro, é uma questão mais polêmica, essa questão da homossexualidade no futebol. No futebol é uma questão muito polêmica e onde tem polêmica, tem público, então, a galera explora muito isso. Mas eu acho que a mulher é tão marginalizada no futebol, isso nem chega a ser uma questão. Porque homens gays, a gente sabe que tem vários, óbvio. Então, acho que isso é uma questão mais presente nos bastidores, em alguma medida aquilo tá presente. Mas mulher... Juíza mulher não tem, comentarista mulher nunca vi, quer dizer, comentarista até tem, mas narradora do jogo não tem. Treinadora mulher não tem... As mulheres são tão excluídas daquele espaço,

que eu acho que essa questão da não visibilidade na hora de fazer as matérias é um reflexo disso, do tanto que aquilo não é uma questão. Claro que hoje em dia, começou a ser um pouco mais, um pouquinho mais, mas na época da criação da página ninguém nem falava disso.

A.B – Nathalia, e o clube? Ele de alguma forma apareceu nessa história da Galo Queer, interferiu, ou vocês de alguma forma tinham algum contato com alguém lá de dentro?

N.D – A gente tentou contato através de... O tio de um amigo meu, acho que ele era assessor do Kalil na época, que a gente tentou através dele, e ele não respondeu. A gente tentou os canais que a gente tinha disponíveis, mas a gente não teve nenhuma resposta. A única vez que, acho, teve algum pronunciamento do clube foi uma coisa muito genérica, tipo assim... “O Clube Atlético Mineiro não apoia nenhuma forma de discriminação”. Eles nunca chegaram a reconhecer a nossa existência, nem falar o nosso nome, nem querer nenhum contato, porque a gente tinha todo o interesse de estabelecer contato, de ver se podia fazer alguma coisa conjuntamente, mas essa porta não foi aberta.

M.R – E essa manifestação do clube veio motivada por algum evento...

N.D – Então, veio, mas só que eu não estou lembrada de qual foi exatamente. Teve alguma coisa, alguma polêmica que fez com que eles se manifestassem... Eu vou tentar resgatar isso pra te mandar, mas eu não lembro.

M.R – E aproveitando a pergunta da Aira, com relação às outras torcidas organizadas. Você falou de uma tentativa de relação com as torcidas mais progressistas, mas com as grandes torcidas organizadas, de alguma forma, houve uma tentativa de interlocução, seja da parte de vocês ou da parte deles, no sentido deles tentarem entender o que vocês já estavam fazendo?

N.D – Não, nenhuma, zero interlocuções. A gente não teve essa iniciativa. A maior torcida, que é a Galoucura<sup>15</sup>, não tinha o menor espaço de diálogo nesse sentido. Inclusive, teve uma moça que estava fazendo o doutorado na Sociologia, que me entrevistou também – nem sei se você conhece esse trabalho, às vezes, pode te ajudar,

---

<sup>15</sup> Grêmio Cultural & Recreativo Torcida Organizada Galoucura, torcida organizada do Clube Atlético Mineiro fundada em 11 de novembro de 1984.



depois eu resgato isso –, a pesquisa dela acho que era sobre torcidas organizadas em geral. E aí ela me entrevistou e entrevistou pessoas de outras torcidas e estava acompanhando muito o dia a dia da Galoucura. Ela me falou assim: “Nossa, se o pessoal ficar sabendo quem você é, eles vão te matar mesmo”. Eles ficam falando: “A gente morre de ódio dessa pessoa que criou essa página...” Então, eu sei que infelizmente não tem condição, nenhum espaço de diálogo.

A.B – Eu queria entender nessa época que vocês criam o coletivo, tem um momento já pós-Copa do Mundo, você volta a frequentar o estádio ou as outras pessoas desse coletivo têm uma presença física dentro dos estádios e que lugar do estádio, caso isso aconteça.

N.D – Depois da Copa, eu fui uma vez só no estádio e fui porque eu ganhei o ingresso, porque estava caro demais, não estava dando pra comprar. Mas outras pessoas vão ocasionalmente também, mas acho que por essa questão da elitização, todo mundo diminuiu muito a frequência nos jogos, mas agora no Independência não existe geral, não tem muita diferenciação, a gente vai nas cadeiras normais.

A.B – Mas você já acompanhou junto a alguma torcida, perto ou no mesmo setor?

N.D – Não, tão perto assim, não. Claro, sempre tem ali mais ou perto, mas não que eu estive muito junto, não.

M.R – E você falou que nessas várias relações com o futebol, com o próprio Galo, que você foi passando por uma transição, de um momento de muito engajamento para esse momento agora de maior distanciamento. Como é que foi se dando esse processo, essa transição?

N.D – Então, olha que curioso? Quando eu entrei no mestrado na Antropologia, a minha ideia era estudar futebol, era estudar a questão das mulheres, justamente na relação ali no estádio. O meu projeto foi sobre isso, cheguei a escrever o projeto sobre isso, esboçar a pesquisa, era o momento que eu estava mais ativa no feminismo e nos coletivos. E aí é um momento em que você tá muito sensível pra esse tipo de coisas, de manifestação dos machismos vários. Então, pra mim, era torturante estar nesses espaços, ficava ouvindo aquelas coisas, ficava ouvindo cantada, enfim... Ouvindo vários tipos de absurdo. Foi começando a ficar um espaço que eu não estava mais dando conta

de ir mesmo. Então, acabei decidindo mudar de tema e fui me afastando cada vez mais, apesar de ainda ter continuado muito o ativismo dentro da Galo Queer, do futebol eu fui me afastando muito, justamente porque essa pauta estava muito forte dentro de mim, e eu não estava conseguindo viver dentro daquele ambiente.

M.R – E teve alguma situação que você considera limite dessas experiências de torcer?

N.D – Eu acho que, assim, pessoalmente não. Nada, tirando esses casos que eu falei pra vocês, das cantadas, mas que infelizmente, a gente tá acostumada, não teve nada muito extremo, não.

Mas na verdade, teve uma outra situação, que eu tô lembrando, que eu me senti invisível de novo, tão invisível quanto daquela outra vez. Foi durante a Libertadores também. Eu estava na casa de amigos e ia ter o jogo, e era um grupo e a gente ia ver o jogo em um bar aberto, e movimentações de grupo são muito lentas, então, as pessoas não iam e o jogo estava começando, as pessoas estavam em casa. Eu falei: “Gente, eu preciso ver esse jogo!” E aí, quando eu estava já do lado de fora da casa, esperando as pessoas saírem, saiu um gol do Galo já, com dois minutos de jogo. E aí nesse momento, eu fiquei desesperada e bati na casa de um vizinho, que eu vi que estava vendo o jogo. Falei: “Deixa eu ver o jogo aí” (risos). Porque eu vi que não ia chegar no bar tão cedo, e aí eu entrei lá, ele deixou entrar, era um cara assim, nos seus 30 e algo, com os pais mais idosos, eles estavam assistindo, e eu vi o primeiro tempo inteiro lá. (risos) Eu não queria perder, e aí durante o primeiro tempo inteiro, todos os comentários que eu fiz sobre o jogo foram solenemente ignorados, solenemente ignorados por ele. E tudo que ele falava, se eu respondia... Ele simplesmente ignorou a minha presença, mesmo. E eu achei uma experiência muito louca, surreal aquilo, acho que esse tipo de coisa vai ficando muito... Claro, eu acho a situação toda muito engraçada hoje, mas esse tipo de coisa vai minando um pouco o gosto de estar ali. Porque o futebol é uma onda muito coletiva, né, e quando você vê que não tá podendo participar daquilo também, você fica sem vontade...

A.B – Nathalia, e você tem acompanhado os outros coletivos hoje? Você tem visto algumas dessas mobilizações que esses grupos ou até algumas páginas, que não

necessariamente são coletivos, tem promovido em relação a gênero? Tipo, coisas que você até queria ter feito... Você tem acompanhado isso?

N.D – Hoje em dia tem muita, muita coisa. Acompanho um pouco de longe, pela internet mesmo. Claro, tem outras iniciativas, outras coisas que eu acompanho mais de perto, mas que não estão tão relacionadas ao futebol.

Aqui em BH ultimamente tem um fenômeno que é a “*gaymada*”, não sei se tem aí em São Paulo, é sensacional... É assim, umas drags jogando queimada e virou um evento mesmo, que lota, hoje em dia lota. Já tem um tempo que eles estão realizando essas “*gaymadas*”, sempre em espaços públicos. Então, não é futebol, mas é a coisa do trazer pra esse lugar do esporte também, que eu acho que tem muito essa coisa que os homens gays... Na época de escola nem era comum as pessoas se assumirem, hoje em dia até é, vejo os meus primos, todo mundo tem amigo gay, trans. É muito mais comum, muito mais normal do que era na nossa época. E eu acho que tem uma coisa de apropriação dessas pessoas do espaço do esporte, de forma geral, que elas eram excluídas, sempre escolhidas por último na Educação Física, que é uma sensação que eu conheço, então, acho que tem uma potência super legal. Então, tem umas iniciativas que eu acompanho, mas com relação ao futebol eu nem tô tão informada.

A.B – Então, eu queria pedir um exercício, a página acontece, nasce quase numa ingenuidade, num desejo de se falar sobre esse tema no meio do futebol, então, o que a Nathalia desejava naquela época quando ela abriu a página, e o que você deseja hoje, o que você gostaria que acontecesse com a página, o que ela fizesse, provocasse, mesmo sem a sua administração?

N.D – Eu acho que na época é claro que existia uma utopia, que ainda existe hoje que é a utopia de que realmente não haja nenhuma espécie de discriminação, tanto dentro quanto fora do futebol, mas eu acho que em termos práticos, um pouco mais objetivos, eu acho que o que eu queria causar era essa discussão, e isso foi alcançado, super. Fico muito, muito feliz! Agora, hoje em dia, o terreno está sendo preparado pra gente dar uns avanços. Eu gostaria muito de ver a Galo Queer podendo existir no estádio, com um faixa, com camiseta. A gente chegou a fazer adesivos na época, eu até tenho bastante

ainda, a gente foi na Marcha das Vadias<sup>16</sup>, distribuiu em outros lugares, mas a gente tinha a sensação de que era um pouco perigoso andar com esse símbolo por aí. Hoje em dia, eu acho que já não é tanto. Ir pro estádio é uma coisa um pouco mais complexa, mas eu vejo muita mudança, então, eu acho que é possível, sim, a Galo Queer ocupar esse espaço físico em algum momento.

A.B – Conta dessa experiência com a “Marcha das Vadias”.

N.D – Então, eu também era do coletivo da Marcha das Vadias nessa época. Foi em 2013 mesmo, bem na época. A Marcha das Vadias aconteceu em maio, alguma coisa assim, então foi bem na época da criação da página, então, ainda estava nessa efervescência e a gente sabia que era um ambiente seguro para distribuir esses adesivos. As pessoas ficavam pedindo os adesivos e, às vezes, na página, pessoas que eu não conhecia: “Ah, onde eu consigo o adesivo...” E não tinha como fazer um post na página falando assim: “Pegue o adesivo no lugar tal”. Porque não podia dar o endereço da minha casa, não tinha muito a forma de fazer essa distribuição. Acabou que ficou bem pontual mesmo, acho que teve uma Parada Gay, que eu não cheguei a ir, mas outras pessoas foram, distribuíram adesivos, mas ficou pontual nesses eventos.

M.R – Mas você esteve na Marcha das Vadias, você estava participando da organização da Marcha das Vadias, como é que foi entregar às pessoas o adesivo da Galo Queer, como que as pessoas participantes da Marcha recebiam aquilo? Como é que foi o retorno, que retorno você teve?

N.D – Eu acho que dentro da Marcha foi muito positivo, inclusive eu fui, eu estava de jogadora de futebol na Marcha. Tem foto, depois eu posso mandar. Com escritos no corpo, que falavam... O que escrevi? Não lembro direito, mas eu tava com adesivo da Galo Queer, e foi um dia que eu consegui andar no Centro com o adesivo da Galo Queer. E lá dentro da Marcha foi muito bem recebido, mesmo as pessoas que não eram atleticanas, que não gostavam de futebol... Era um espaço bem amigável.

---

<sup>16</sup> A primeira Marcha das Vadias no Brasil ocorreu em São Paulo, em 4 de junho de 2011. No mesmo ano iniciou-se a manifestação em Recife, Belo Horizonte, Brasília e Itabuna.

M.R – E do que você soube da experiência na Parada Gay, na Parada LGBT<sup>17</sup>, o retorno também foi positivo nesse sentido?

N.D – Acho que sim... Todo mundo que sabia o que era, achou muito legal.

A.B – Eu queria, pensando na prática, como que a gente combate a misoginia, a homofobia para além do coletivo? Se você chegou a viver alguma estratégia, do bar, quando você tá com as pessoas, ou mesmo na esfera virtual. Você tem orientações, sugestões, coisas que tenham funcionado?

N.D – Por muito tempo, eu discutia muito com as pessoas. Discussões assim, tentando ser o mais dialógica possível, quando eu via que tinha uma abertura. E eu acho que o diálogo ainda é a ferramenta que eu acho mais efetiva. Às vezes, a pessoa tem um discurso que vem de casa, vem de algum outro lugar, que quando você começa a aprofundar aquilo, a tentar desconstruir algumas coisas, a pessoa vai vendo que é incongruente mesmo, que não faz sentido em vários pontos. Claro que em outro nível de homofobia, de machismo... Mas eu acho que uma das coisas que a gente precisa aprender a fazer é dialogar, porque essa coisa de gritar, vociferar, isso cria muita resistência, as pessoas não estão te ouvindo. É como se fosse o oposto, vem uma pessoa que tenta te convencer que o casamento gay não é bom e se ela chegar gritando, você não vai nem ouvir. Então, acho que tem uma coisa que a gente precisa é aprender a conversar. Todo mundo tem que aprender a conversar, e não só ao vivo, mas virtualmente também, porque acaba que acontece isso. Pequenas ilhas de pessoas falando coisas e não se ouvindo e eu acho que esse tipo de evento, público, como a *gaymada*, por exemplo, essas coisas vão naturalizando isso, as pessoas começam a ver mais, aquilo começa a não se tornar tão estranho. Acho que tem um momento que é de muita coragem mesmo, tem que ter uma certa coragem de enfrentar certas coisas, como eu acho que foi corajosa a criação da Galo Queer, apesar de eu nem ter noção do quanto era corajoso quando eu fiz. Mas acho que tem um certo momento que tem um enfrentamento que é importante, mas, principalmente, eu acho que a gente tem de aprender a conversar e, aos poucos, ir naturalizando essas coisas.

---

<sup>17</sup> No Brasil, a Parada do orgulho LGBT de São Paulo acontece na Avenida Paulista desde 1997. Outros desfiles acontecem ao redor do país desde então.

M.R – E aproveitando essa pergunta da Aira, mas trazendo mais pro universo do futebol, desses lugares de torcer. Da sua vivência como torcedora, como alguém que gosta de futebol, você falou da importância do diálogo, da criação de espaços de diálogo, mas em termos de medidas, o que seria importante para se combater a misoginia e a homofobia nesse contexto do futebol, nesse contexto das relações do torcer, dos lugares de torcer?

N.D – Eu acho que um posicionamento dos clubes ia ter um impacto tremendo. Acho que a partir do momento em que o clube se coloca nessa discussão, se posiciona, muita gente já começa a pensar sobre isso, muita gente começa a mudar e eu acho que algum nível de punição, tem que pensar qual é a melhor forma. Eu acho que é interessante punição, nesse sentido de punição pro clube, por exemplo, igual acontece em outros casos de agressão da torcida e o clube é punido, porque é uma responsabilidade de todo mundo. Então, a gente tem que começar a assumir isso e acho que punição pro clube é algo mais interessante que punição pontual, pessoal. A gente não tá falando de um indivíduo, dois, três, a gente tá falando de uma cultura inteira, de uma coisa muito generalizada, massificada. E pro torcedor, o que mais dói é o time perder ponto, inclusive, no fim das contas isso cria até um clima de vigilância entre a própria torcidas, das pessoas pararem de permitir que aquilo aconteça naquele espaço. E claro, poderia fazer várias coisas. Se tivesse vontade política mesmo, têm várias coisas que poderiam fazer, como uma equipe de guarda só pra tentar identificar esse tipo de caso no estádio, tem muita coisa que daria pra fazer. Mas, primeiro, precisa ter uma decisão mesmo de quem a gente vai enfrentar essa questão. Enquanto os próprios clubes não assumirem essa bandeira, acho que fica um pouco mais complicado. São alternativas que eu penso.

M.R – Bom, eu acho que a gente já está se encaminhando pro final, você está nesse momento de distanciamento da página, da comunidade, da Galo Queer. Como é que você avalia o que representou a Galo Queer nessa sua trajetória enquanto torcedora, mas trajetória de vida mesmo?

N.D – Eu acho que foi muito importante mesmo, foi um marco. Provavelmente foi uma das coisas maiores que eu já fiz na vida. Eu tendo a fazer coisas grandes, eu sou meio megalomaníaca e eu tenho alguma espécie de sorte que as coisas acabam dando certo, mas acho que a Galo Queer foi um sucesso sem igual e muito inesperado mesmo. Foi

uma coisa que eu fiz, esperando ter reações muito mais negativas do que positivas, ou na verdade, esperando muito mais indiferença do que qualquer outra coisa, eu achei no início que ia ser ignorado, como outras coisas são ignoradas, mas não foi e eu acho isso incrível!

Na minha relação com o futebol, a Galo Queer acabou não ajudando em um certo sentido na minha relação com o futebol em si, mas eu acho que dá pra resolver isso aí também, eu acredito que em alguns anos a situação vai estar diferente, como a situação já é diferente do que era quatro atrás. E quando o futebol for um espaço mais amigável para todos e todas, todas as minorias, eu vou me reconciliar com ele.

A.B – Mara... Tem alguma coisa que a gente deixou de perguntar, que você gostaria de aproveitar e registrar, esse é um espaço final pra nossa documentação da sua história de vida.

N.D – Acho que não, acho que só agradecer mesmo e parabenizar pelo trabalho, é super legal ver essas reverberações e estou a disposição aí.

M.R – Posso só fazer uma última pergunta: O que você gostaria pra Galo Queer no futuro?

N.D – Então, eu tenho muita vontade que a Galo Queer se estabeleça como um movimento extra virtual, para além do virtual. Esse novo grupo, que vai entrar agora, eu desejo que dê muito certo, que as pessoas pelo menos consigam manter a página movimentada, e consigam atender a demanda de entrevistas, que eu não consigo atender, então é isso, desejo que ela sobreviva, permaneça e cresça.

M.R – Tá ótimo!

A.B – Eu agradeço em nome do Maurício, do Museu do Futebol, o seu testemunho, ele vai ser muito bem preservado, transcrito, e catalogado no banco de dados do museu, e você vai acompanhar esse processo aos pouquinhos. Eu só vou encerrar a gravação aqui e a gente continua se falando.

